



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

DISCIPLINA DE METAFÍSICA – RESUMO DAS AULAS

05/08/2011]

AULA 20, Lição VII: Parte I: EXPOSITIVA:

II. A Epistème clássica: Prima Philosophia sive Theologia

6. A Epistème clássica e o problema de sua interpretação tradicional

Parte II: EXPOSITIVA:

III. Prima Philosophia sive Ontologia: O primado da representação, sua crítica

7. O ponto de partida da Metafísica tradicional e seu inacabamento historial

8. Os conceitos fundamentais da Metafísica tradicional e sua crítica hodierna

Parte III: SEMINÁRIO:

Discurso sobre a Filosofia em geral

Christian Wolff

§1

Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino são os grandes representantes da *Metafísica clássica*, a qual é assim concebida em função de seu estatuto epistêmico; esse, como foi visto anteriormente, fundado na *Teoria da Informação imediata do ato intelectual pela forma inteligível em ato do ser*. De acordo com Lima Vaz (1997, p. 156-157), trata-se aí da questão do *modo de presença* do *noetón* (inteligível) no *nous* (intelecto) ou da existência do *modo intencional* de ser do objeto conhecido como tal; por conseguinte, do problema gnosiológico da *representação* do *ser* na inteligência sob a forma de um conceito universal. No contexto da *Teoria da Informação imediata do ato intelectual pela forma inteligível em ato do ser*, o referido problema soluciona-se mediante a postulação da *intuição* do *ser* pelo intelecto; vale dizer, da apreensão imediata ou da simples apreensão da essência de algo (isto é, de um objeto determinado) quando este se apresenta à consideração do intelecto, que então capta imediatamente a sua natureza, essência ou



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

qüididade. Na medida em que tal natureza, essência ou quididade se mostra como a própria *forma inteligível em ato do ser* ou do *objeto* inteligido pelo intelecto, informando portanto imediatamente seu ato intelectual, este pode enfim apreender a Coisa mesma sem o intermédio da representação, a qual se limitaria assim à formulação de juízos e proposições em torno disso que foi intuído imediatamente de modo a explicitá-lo e a desenvolvê-lo discursivamente; no caso, cientificamente.

§2

Em que pese o caráter rigoroso da *Teoria da Informação imediata do ato intelectual pela forma inteligível em ato do ser* na Metafísica clássica, pelo menos em seus principais representantes, o modo como esta foi interpretada por boa parte dos comentadores resultou não só em uma afirmação puramente tradicional da mesma, mas também na sua gradativa perda de substancialidade, ou melhor, de quididade. Esse o caso por exemplo em Porfírio, nos árabes e nos latinos – de Mário Vitorino a Duns Scotus, assim como de Guilherme de Ockham a Kant –, os quais, deixando de lado cada vez mais e mais os altos cimos da *Teoria da Informação imediata*, passaram a se mover preferencialmente nos quadros da *Teoria das Categorias*, essa como que estabelecida como um preâmbulo da Teoria da Representação – tal como esta será conhecida futuramente – já no *Isagoge* de Porfírio. Em vista disso, a chamada intuição do ser vai se tornando não só um problema epistemológico para a Metafísica clássica, mas também um verdadeiro mistério capaz de sobrepujar toda racionalidade e toda cientificidade desta ciência, fazendo com que a mesma, então, tenha de se subordinar à teologia revelada e à religião. Quanto a isso, é digno de nota o que afirma Jacques Maritain (1996, p. 15):



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

Digamos que o “mistério” é uma plenitude ontológica à qual a inteligência se une vitalmente e onde mergulha sem esgotá-la (se a esgotasse seria Deus, *ipsum Esse subsistens*, e o próprio autor do ser). O tipo supereminente de “mistério” é o mistério sobrenatural, aquele que é objeto da fé e da teologia. Este se refere à própria Deidade, à vida íntima de Deus, à qual a nossa razão é incapaz de se elevar apenas por suas forças naturais. Mas a filosofia e a ciência também têm relação com o mistério, com outro mistério, o da natureza e o do ser. Uma filosofia que não tivesse o sentido do mistério não seria uma filosofia.

De modo a ilustrar mais adequadamente as palavras acima, leiamos o que o filósofo tem a nos dizer a respeito da intuição mesma do ser (MARITAIN, 1996, p. 53-54):

(...). Estamos aqui, portanto, diante de uma verdadeira intuição, de uma percepção direta, imediata, não no sentido técnico que os antigos davam à palavra intuição, mas no sentido que podemos receber da filosofia moderna. Trata-se de uma visão muito simples, superior a todo discurso e a toda demonstração, já que ela está na origem das demonstrações, trata-se de uma visão que nenhuma palavra proferida do exterior, que nenhuma palavra da linguagem pode esgotar, nem expressar adequadamente a riqueza e as virtualidades, e na qual, em um momento de emoção decisiva e como que de fervor espiritual, a alma está em contato vivo, transverberante, iluminador, com uma realidade que ela toca e que a domina. Pois bem, o que afirmamos é que é o ser antes de tudo que proporciona tal intuição.

§3

As palavras de Maritain acima citadas constituem a típica justificação de uma tentativa de interpretar tradicionalmente a Metafísica clássica, tal como esta se apresenta de Platão a Tomás de Aquino. Não obstante, essa interpretação tradicional pode ser distinguida de modo rigoroso em relação à Metafísica clássica, podendo então ser designada como Metafísica tradicional; vale dizer, a metafísica resultante da interpretação tradicional da



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

Metafísica clássica. À diferença desta, aquela se funda explicitamente em uma *Teoria das Categorias*, ou antes, em uma *Teoria da Representação*; a qual, a título de fundamento epistêmico, assume a primazia gnosiológica do universo da representação em detrimento do universo do ser – caso em que a própria intuição do ser ou a informação imediata do ato intelectual cede lugar à representação do mesmo e, por conseguinte, à mediação reflexiva que deriva de tal representação ou que esta impõe como sendo a perspectiva própria de todo e qualquer ato intelectual que se queira propriamente racional.

§4

A origem dessa interpretação tradicional pode ser rastreada e precisamente determinada em autores como Porfírio e Avicena, mas é em Duns Scotus que ela se mostra pela primeira vez em suas características fundantes e rigorosamente fundamentada a partir de um regime epistêmico completamente distinto daquele da Informação imediata ou da Intuição assim entendida. Trata-se de ora avante de uma tentativa de se compreender o Ser (na Metafísica) naquilo que constitui a sua objetividade (em seu caráter de objeto inteligível representado ou pura e simplesmente como ser representado); o que de Duns Scotus a Christian Wolff não se fez senão à custa de múltiplas confusões e mesmo de descaminhos (ou de idas e vindas) que só agora começam a ser esclarecidos.

O ponto de vista de Duns Scotus acerca da representação ou da espécie inteligível (como tal investigada no tratado *A Imagem*), pode ser assim resumido; aqui nas palavras de Gérard Sondag (1993, p. 10):

A “parte intelectual, propriamente dita, da alma” (*pars intellectiva, proprie sumpta, animae*) corresponde àquela que Aristóteles, no tratado *Da Alma* (Livro III, c. 4, 429a 10-11) nomeia “a parte da alma pela qual a alma conhece e



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

compreende”. Ela difere das outras partes, a saber, a parte sensitiva e a parte vegetativa, que ele distingue em todo animal. Para usar de outro termo, é o Intelecto, que é “isto pelo qual conhecemos”, segundo a expressão do próprio Scotus (468, 537). A “espécie inteligível” (*species intelligibilis*) é isto por que um objeto é representado ao intelecto enquanto inteligível ou cognoscível por si. Se fosse possível mudar o vocábulo tradicional, talvez se pudesse melhor dizer ‘espécie intelectual’, para fazer sobressair que esta espécie não deve ser confundida com o objeto inteligível que ela representa e permite conhecer e conceber; o qual, “brilhando na espécie inteligível” (367, 386, 533), é o primeiro termo do intelecto, isto é, o que ele concebe primeiramente graças à espécie que ele formou e adquiriu (482). O objeto inteligível não é, portanto, idêntico a esta espécie ela mesma, a qual o intelecto pode também conhecer de outro ponto de vista ou conceber, mas somente por reflexão e sem espécie suplementar (448).

No que tange à primeira questão tematizada por Scotus em seu tratado, a qual exprime talvez o elemento essencial da revolução levada a cabo pela introdução da representação no processo de conhecimento, Gérard Sondag (1993, p. 10-11) resume assim seus traços principais:

A primeira questão trata portanto do seguinte: A parte intelectual, propriamente dita, da alma – ou ainda o intelecto, tomado separadamente das outras partes daquela – dispõe ela de uma espécie que lhe representa um objeto inteligível, graças à qual ela está em medida, se a vontade o quer, de conceber em ato um tal objeto? Isto supõe segundo Scotus que a espécie tenha sido adquirida por atos de conhecimento anteriores aplicados aos objetos da experiência sensível, e que ela permanece em uma memória que, pelo fato de que ela é o reservatório vivente de tais espécies, pode ser nomeada uma ‘memória intelectual’, por oposição à memória das lembranças do passado (391).

Ainda no que diz respeito à questão acima aludida, e ainda sob a pena de Gérard Sondag (1993, p. 28-29), podemos ler o seguinte:

[...] Toda coisa que tem o “ser real” fora da alma é um sujeito [no sentido de algo que subjaz: *hypokeimenon*, *subjectum*, *sujet*], isto é, uma substância de uma certa espécie, acompanhada de determinações diversas, por exemplo, ‘esta pedra aqui’, com sua quantidade, sua qualidade, etc. Na alma, esta mesma coisa tem o “ser objetivo” ou ainda ela constitui um “objeto inteligível” propriamente dito. [...].



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

Ora, a afirmação constante de Scotus é que “o universal enquanto universal não é nada que existe na realidade, mas reside somente em alguma coisa que o representa sob a razão do universal” (360); ou ainda, o ser que é o seu “é um ‘ser relativo a outra coisa’, porque é o ‘ser’ do representado” (531). O “ser objetivo” é portanto um ‘ser representado’, e não um ‘ser de existência’ (531). Eis aí porque é essencial não confundir o objeto inteligível representado com a espécie que o representa: a espécie inteligível “não é ela mesma o objeto que termina o ato” da inteligência, “mas é a espécie deste objeto” (482). Com efeito, a espécie inteligível é necessariamente alguma coisa de real, da qual as causas são reais: é “uma forma real, tendo uma existência real que, formalmente, representa o universal como universal” (360). Desde então, confundir a espécie inteligível com o objeto que ela representa não pode conduzir mais que ao contrassenso segundo o qual Scotus teria ensinado que o universal é alguma coisa que tem uma existência real – um contrassenso tão comum que o encontramos até em um Leibniz, o qual, em sua *Disputatio metaphysica de principio individui*, escreve isto, como se se tratasse de uma verdade de evidência: “Sabe-se que Scotus era um realista extremo, porque ele pôs que os universais têm uma realidade verdadeira fora do espírito”. Os universais segundo Scotus não tem “realidade verdadeira” nem fora do espírito, nem ‘no’ espírito, salvo em sentido metafórico. O que tem uma realidade verdadeira no espírito, isto é a espécie inteligível que representa o universal. O universal, quanto a isso, não tem mais que ‘o ser representado’.

§5

A confusão de Leibniz da espécie inteligível com o objeto que esta representa constitui de certo modo o resultado de todo um processo que começa com a distinção de Avicena entre a essência e a existência, na qual Avicena interpreta a equação aristotélica do *Ser enquanto Ser* como dizendo respeito ao *Ser em geral*. Essa a direção que, com o advento da Representação, ao fim e ao cabo, fez com que a Metafísica de ora avante levada a cabo não pudesse ser senão ou uma Ciência do Ser em geral, como tal abstraído dos seres efetivamente existentes e se mostrando como a forma lógica e ontológica de sua consideração, ou como uma série de ciências especiais que tratam daqueles substratos sobre os quais incidem as representações em jogo na Metafísica dita geral. Essa será então designada Ontologia enquanto aquelas serão determinadas respectivamente como



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

Cosmologia racional, Psicologia racional e Teologia racional. Esta última apresentando-se por seu turno como a interpretação (igualmente tradicional) a partir da Metafísica Geral da equação Ser enquanto Ser enquanto dizendo respeito a um ser particular, no caso Deus ou pelo menos o Deus da tradição das religiões monoteístas tradicionais mundiais.

Pode-se afirmar que o ponto de partida fundamental da Metafísica tradicional consiste numa certa interpretação do paradigma genérico ou da forma geral da *epistème* antigo-medieval; isto é, o *Paradigma do Ser*. Esse que se mostra o mais abrangente do ponto de vista de sua constituição e de seu desenvolvimento, confundindo-se assim, no caso da *Filosofia primeira*, com a própria *epistème* antigo-medieval. Desse modo, tal paradigma pervade sua *epistème* originária e se amálgama com o *Paradigma do Sujeito*, também chamado de *Paradigma da Consciência*; esse o paradigma genérico da *epistème* moderno-contemporânea, fundada na *Representação*.

Em vista disso, *em sentido epistemológico*, o *Paradigma do Ser* é confundido com o *Paradigma do Sujeito*, esse tomado empiricamente por Christian Wolff (2000, § 1ss); que por isso interpreta a expressão clássica ‘*Ser enquanto Ser*’ pura e simplesmente no sentido de ‘*Ser em geral*’. Da mesma forma, mas agora *em sentido ontológico*, a mesma expressão – ‘*Ser enquanto Ser*’ – é tomada no significado de ‘*Ser necessário e absoluto*’, isto é, como o Deus da tradição cristã (2000, § 928ss), razão pela qual é precisamente a metafísica leibniziano-wolffiana que assim se constitui sob a forma de uma *Metafísica ontológica* ou de uma *Ontoteologia*. Enfim, com a identificação da Metafísica e da Teoria do Conhecimento então nascente, as interpretações acima aludidas resultaram inclusive na fixação da confusão da *epistème* antigo-medieval com a moderno-contemporânea; com esta – em seu



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

elemento ontológico-formal – como que se sobrepondo àquela, apagando portanto as diferenças substanciais entre as mesmas.

§6

Considerado sob o ponto de vista da *Representação*, o Paradigma do Ser termina por ser reduzido a uma espécie de concepção puramente categorial no seio da qual a Metafísica, agora nos quadros de uma *Filosofia primeira* entendida como *Ontologia*, limita-se a uma “scientia entis in genere, seu quatenus ens est” [ciência do ente em geral, ou enquanto é ente] (WOLFF, *Philosophia prima*, Prolegomena, § 1). Definição essa melhor explicitada e mesmo justificada por Wolff no § 73 do Discurso preliminar de sua *Philosophia prima sive Ontologia*, vejamos:

Existem também muitas [coisas] que são comuns para todos os seres, as quais predicamos tanto das almas quanto das coisas corporais, [sejam elas] naturais e artificiais. A parte da filosofia que se ocupa do ente em geral e das afecções gerais dos entes se nomeia Ontologia ou ainda Filosofia primeira. Eis aí porque definimos a Ontologia, ou a Filosofia primeira como sendo a ciência do ente em geral, isto é, enquanto ele é um ente.

As noções gerais desta sorte são as noções de essência, de existência, de atributo, de modo, de necessidade, de contingência, de lugar, de tempo, de perfeição, de ordem, de simples, de composto, etc., as quais não são explicadas de modo conveniente nem na Psicologia ou nem na Física, porque nós temos necessidade destas noções gerais e dos princípios dos quais estas duas ciências dependem, ou ainda as outras partes da filosofia. Por isso, é absolutamente necessário que destinemos à explicação destas noções e destes princípios gerais uma parte especial da filosofia, que é, de longe, da



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

maior utilidade em toda ciência e em toda arte, e na vida mesma se a consideramos corretamente. Sem *Ontologia*, não podemos certamente desenvolver a filosofia segundo o método demonstrativo; [igualmente] a arte da descoberta toma seus princípios da *Ontologia*.

§7

Em vista do que se falou no § anterior, há que se reconhecer que as noções gerais ali referidas aplicam-se a todos os seres, sem exceção; essa a razão pela qual Wolff afirmar, ainda no já citado Discurso preliminar (§ 55) que “os entes que nós conhecemos são Deus, as almas humanas e os corpos, ou coisas materiais”. Segundo Wolff (*Philosophia prima*, Discurso preliminar, § 56), “daí decolam três partes da Filosofia, da qual a primeira se ocupa de Deus, a segunda da alma humana e a terceira dos corpos, ou coisas materiais”; não havendo outras partes a serem fixadas pela simples razão de não conhecermos outro gênero de ser além daqueles acima referidos (Ibid). Na medida em que o conhecimento desses objetos ocorre fundamentalmente por intermédio das categorias, isto é, das noções gerais ou das representações mais acima aludidas, tais objetos foram como que reduzidos a meros substratos aos quais as mesmas se aplicam, limitando-se assim a um pensamento meramente formal e recebendo, por conseguinte, as críticas de Kant, Hegel, Nietzsche, Heidegger, etc. Desses, apenas Hegel conseguira distinguir de modo mais ou menos claro as diferenças entre a Metafísica formal (dos modernos) e a Metafísica real (dos antigos); em todo caso, ainda no dizer de Hegel (Enciclopédia, § 28), por pressupor que “o que é, pelo fato de ser *pensado*, é conhecido *em si*”, essa Metafísica formal “se colocava mais alto que o filosofar crítico posterior”.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

De qualquer modo, está em jogo para Wolff pura e simplesmente a necessidade de se dar razão das coisas que são e, de fato, das coisas que são aí: Diz-nos Wolff (*Philosophia prima*, Discurso preliminar, §§ 1, 4, 6, 29):

§ 1

Conhecemos com a ajuda de nossos sentidos as [coisas] que são e que se produzem no mundo material, e o espírito é consciente das mudanças que sobrevêm nele. Ninguém ignora estas [coisas] por pouco que [cada um] preste atenção a si mesmo.

§ 4

Às [coisas] que são ou se produzem não faltam a razão a partir da qual podemos compreender porque elas são ou se produzem. A verdade desta asserção é patente através de exemplos, por pouco que neles coloquemos a atenção suficiente e, em seguida, a penetração requerida.

§ 6

O *conhecimento* da razão das [coisas] que são ou se produzem se designa [conhecimento] *filosófico*.

§ 29

A Filosofia é a ciência dos possíveis enquanto eles podem ser.

§ 8

Por isso, além do princípio da certeza de si mesmo (WOLFF, *Pensamientos racionales*, § 1), tal Metafísica assumia como princípios fundamentais os princípios de contradição (§ 10) e de razão suficiente (§ 30), sobre os quais Wolff edificara toda a sua filosofia. Essa



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

parece ter na tríplice identidade de Lógica, Metafísica e Teoria do Conhecimento a sua maior virtude, mas também a sua maior fragilidade. Vejamos o que o próprio Wolff nos afirma (*Philosophia prima*, Discurso preliminar, §§ 88-91):

§ 88

Se você deseja estudar filosofia de modo fértil, então à lógica deve ser dado o primeiríssimo lugar. A Lógica trata das regras que dirigem a faculdade cognitiva para o conhecimento da verdade. Ora, nós devemos estudar filosofia de tal modo que possamos adquirir certeza completa. Portanto, quem estuda filosofia deve saber como proceder no conhecimento da verdade. Consequentemente, deve estar informado sobre lógica. Por isso, à lógica deve ser dado o primeiríssimo lugar.

Também poderia ser mencionado que aqueles que estão começando em filosofia superam sua inexperiência estudando lógica. Nós já demos a razão para isso. Quem não está familiarizado com a lógica não sabe como examinar definições e demonstrações com rigor. Por isso, facilmente admite como coisas certas o que muitos discordam com evidência. E, frequentemente, pensa compreender coisas que não examinou.

§ 89

Porém, se tudo em lógica está para ser demonstrado; então [seus] princípios devem ser emprestados da Ontologia e da Psicologia. A lógica trata das regras que dirigem o intelecto no conhecimento de todo ser; o que, pela definição da lógica, não se restringe a nenhuma espécie de ser – por isso, ela deve nos ensinar o que procurar



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

para que possamos conhecer as coisas. Agora o que diz respeito ao conhecimento geral do ser, isso é derivado da ontologia. Decorre daí claramente que para demonstrar as regras da lógica, os princípios devem ser tomados de ontologia.

Além disso, já que a lógica explica como dirigir o intelecto no conhecimento da verdade, [ela também] deve ensinar como as operações do intelecto são usadas no conhecimento da verdade. Agora, nós devemos aprender da psicologia o que é a faculdade cognitiva e o que são as suas operações. De onde também estar claro que para demonstrar as regras da lógica, [certos] princípios devem ser tomados da psicologia.

Isto será evidente quando você [já] tiver aprendido lógica e a tiver comparado com a ontologia e a psicologia. Nós experimentamos isso muitas vezes enquanto investigamos cuidadosamente as regras de lógica e suas razões.

§ 90

Se todas as coisas em lógica são rigorosamente demonstradas com provas genuínas, então a lógica deve vir depois da ontologia e da psicologia. [Isso porque] a lógica deriva seus princípios da ontologia e da psicologia. Agora, as partes da filosofia devem ser ordenadas de tal modo que aquelas partes que vêm primeiro provêm princípios para as outras. Por isso, a ontologia e a psicologia devem anteceder à lógica; se tudo em lógica será rigorosamente demonstrado e se suas regras serão genuinamente provadas.

§ 91

O método demonstrativo requer que a lógica seja tratada depois da ontologia e da psicologia. Por mais que o processo de aprendizagem requeira que a lógica anteceda a todas as outras partes de filosofia, incluindo a ontologia e a psicologia.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

Ambos os métodos não podem ser observados. Considerando isso mais cuidadosamente, nós devemos perceber que aquele que não sabe lógica não pode estar proveitosamente familiarizado com a ontologia e a psicologia. Porém, os princípios da ontologia e da psicologia que pertencem à lógica podem ser facilmente explicados em lógica. Por isso, nós escolhemos o método de aprendizagem em preferência para o método de demonstração.

Outra razão por que esta abordagem é preferível [àquela outra] é que princípios ontológicos são definições e princípios psicológicos são estabelecidos pela experiência. Conseqüentemente, princípios ontológicos podem ser entendidos e admitidos como verdadeiros, apesar das outras coisas que são tratadas na ontologia ainda não terem sido examinadas. E as pressuposições da lógica, as quais podem ser demonstradas em psicologia, podem ser concebidas a posteriori

Esses os pontos a serem discutidos posteriormente (nas próximas aulas) em confronto com as críticas de Kant, Nietzsche, Heidegger e Wittgenstein à metafísica em geral e à Metafísica de Wolff em especial.

§9

Referências:

- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830)*. Trad. Paulo Meneses e Pe. José Machado. São Paulo: Loyola, 1995. (3 vols.).
- LIMA VAZ, H. C. de. *Escritos de Filosofia III. Filosofia e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1997.
- MARITAIN, J. *Sete lições sobre o ser*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.
- SCOT, Duns. *L'Image*. Introduction, traduction et notes par Gérard Sondag. Paris: Vrin, 1993.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 20

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 20, 05 de agosto de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

SONDAG, Gérard. Introduction [a *L'Image*]. In: SCOT, Duns. *L'Image*. Introduction, traduction et notes par Gérard Sondag. Paris: Vrin, 1993, p. 7-108.

WOLFF, C. *Discours préliminaire sur la philosophie en général*. Introduction, traduction et notes sous la direction de Th. Arnaud, W. Feuerhahn, J.-F. Goubet e J.-M. Rohrbasser. Paris: Vrin, 2006.

WOLFF, C. *Discurso preliminar sobre a filosofia em geral (1728)* – Tradução (para o Inglês), com uma introdução e notas, de Richard J. Blackwell - Indianapolis & New York, The Bobbs-Merrill Company, Inc. 1963. Excertos publicados em <http://www.formalontology.it/section_4.htm>, tradução livre (ligeiramente adaptada para o português) de Manuel Moreira da Silva, Depto de Filosofia na UNICENTRO, Guarapuava/PR, 2006.

WOLFF, C. *Pensamientos racionales acerca de Dios, el mundo y el alma del hombre, así como sobre todas las cosas en general*. Madrid: Akal, 2000.

WOLFF, C. *Philosophia prima sive Ontologia*. Francofurti et Lipsiae: Rengeriana, 1736.

FIM DO RESUMO!